

CONJUGALIDADE E HOMOSSEXUALIDADE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

CONJUGALITY AND HOMOSEXUALITY: A SYSTEMATIC REVIEW OF LITERATURE

VICENTE RODRIGUES

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).
vicente.rodrigues.f@gmail.com

MARIANA BOECKEL

Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e da Personalidade (PUCRS) e Doutora em Psicologia (PUCRS).
marianagb@ufcspa.edu.br

RESUMO: Tradicionalmente a Psicologia e a Terapia Familiar centraram-se na compreensão de famílias geradas a partir da união heterossexual. Contudo, tendo em vista a diversidade das configurações familiares atuais, faz-se necessário compreender conjugalidades que fogem à norma. A partir de uma breve contextualização histórica, o presente artigo objetiva revisar sistematicamente estudos que investigaram relações conjugais entre casais homossexuais na realidade brasileira. Para tanto, as bases de dados Lilacs, PePSIC e SciELO foram consultadas, resultando em sete artigos. Mediante discussão dos achados, observou-se que as pesquisas feitas no Brasil ainda visam caracterizar esse fenômeno, articulando a seus resultados a temáticas como a homofobia, flexibilidade nas atribuições de gênero, apoio social, questões inerentes aos relacionamentos e a efermeridade dos relacionamentos contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: conjugalidade, homossexualidade, homoconjugalidade

ABSTRACT: Psychology and Family Therapy traditionally emphasizes families generated from the heterosexual unions. However, given the diversity of the modern family configurations, it is necessary to understand conjugalities out of the ordinary. Starting from a brief historical background, this article aims to systematically review studies that investigated conjugal relations between gay couples in the Brazilian context. Therefore, Lilacs, PePSIC and SciELO databases were accessed, resulting in seven located articles. Through discussion of the findings, it was verified that the researches made in Brazil still intent to characterize this phenomenon, articulating their conclusions with themes like homophobia, flexibility of gender assignments, social support, topics related to relationships and transience of the contemporaneous relationships.

KEYWORDS: conjugality, homosexuality, homoconjugality

INTRODUÇÃO

Quando se busca pelo termo “homossexual” no dicionário Aurélio, encontra-se, naturalmente, uma definição que carece de complexidade: ser homossexual, segundo tal verbete, refere-se “à afinidade, atração e/ou comportamento sexuais entre indivíduos do mesmo sexo” (Ferreira, 2004). Ao abordar a temática de gênero e sexualidade, o sociólogo Anthony Giddens (2005) apresenta uma conceituação que vai ao encontro do que define o dicionário: a homossexualidade é, de acordo com o autor, uma orientação das atividades sexuais e afetivas a pessoas do mesmo sexo, cuja aceitação varia conforme a cultura na qual se está inserido.

Mas por que um conceito aparentemente simples pode causar controvérsia e orientar longas discussões? As respostas para esse questionamento podem ser diversas, mas várias delas convergem para um aspecto que Giddens sabiamente apontou em sua obra: a cultura. Na Antiguidade Clássica, as convicções morais,

Recebido em: 03/04/2016
Aprovado em: 14/05/2016

religiosas e políticas acerca da sexualidade divergiam das culturas ocidentais dos dias de hoje (Ceccarelli & Franco, 2010). Na Grécia, por exemplo, as relações sexuais entre jovens e homens mais velhos detinham outra conotação: era possível que os adolescentes aceitassem a amizade e o amor de outros homens com o intuito de absorver seus conhecimentos e suas virtudes (Naphy, 2006).

É com a emergência da cultura judaico-cristã que as concepções que temos acerca da sexualidade humana começaram a ganhar corpo (Ceccarelli & Franco, 2010). A ideia de que a homossexualidade é antinatural, uma vez que não propicia o surgimento de novas vidas, passou a ser fortemente disseminada pela Igreja Católica durante a Idade Média (Goerch & Pichinin, 2015). Com a revolução burguesa e o Iluminismo, a Ciência do século XIX deu continuidade à perseguição realizada pela Santa Inquisição, porém de modo mais intelectualizado: apoiavam-se em conceitos advindos de áreas como a Filosofia e a Biologia para rotular o homossexual como um perverso, uma anomalia – e não mais como um pecador, um sodomita (Ceccarelli & Franco, 2010).

Foi somente após a segunda metade do século XX que o movimento *gay* começou a ganhar notoriedade e reivindicar direitos civis e visibilidade social. Após protestos de ativistas em conferências anuais da APA (Associação Americana de Psiquiatria) e o surgimento de dados de pesquisadores como Alfred Kinsey, a associação responsável pela publicação do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) retirou, em 1973, a homossexualidade do seu rol de psicopatologias (Dunker & Neto, 2011). No contexto brasileiro, um fenômeno social semelhante ocorreu

na década de 1980: o Grupo Gay da Bahia (GGB) liderou uma campanha nacional visando à despatologização da homossexualidade no Brasil. Foi a partir desse movimento que a identidade homossexual deixou de ser considerada um transtorno sexual e passou a ser enquadrada no código 2062.9 da CID (Classificação Internacional de Doenças), que designa outras circunstâncias psicossociais. Anos depois, em 1990, a OMS (Organização Mundial da Saúde) aboliu a patologização da homossexualidade também no plano internacional, retirando-a de todas as suas listas de doenças (Carneiro, 2015).

Diante de um cenário político como esse apresentado, é natural que a temática da homossexualidade desperte inquietações na comunidade científica. Nomes como James Green* e Guacira Lopes Louro – historiadora que se tornou referência na área de gênero, sexualidade e educação – se destacaram nas últimas décadas. Todavia, ao mesmo tempo que oferecem grandes contribuições, esses expoentes suscitam entre pesquisadores da área de Psicologia uma indagação: de que forma os conhecimentos psicológicos podem contribuir para os estudos de gênero e sexualidade? A partir disso, chegou-se à conclusão de que seria pertinente estudar não apenas aspectos intrapsíquicos – tão vastamente estudados ao longo da história da Psicologia – mas sim focar em um elemento essencial ao ciclo de vida humana: as relações.

Diversos estudos acerca das relações gays têm sido publicados internacionalmente (Mohr & Fassinger, 2006; Starks, Newcomb & Mustanki, 2015; Moreira, 2004; Julien et al., 2003; Joyner, Manning & Bogle, 2015). Joyner e colegas (2015), a título de exemplo, examinam a estabele-

* Historiador consagrado pela obra *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, 2000.

dade de relações afetivas e/ou sexuais entre jovens e adultos hetero e homossexuais, a partir de dados de um programa denominado *National Longitudinal Study of Adolescent to Adult Health*, sediado nos Estados Unidos. Em contrapartida, no contexto brasileiro, podemos citar trabalhos como os de Maria Berenice Dias (2009), Eduardo Lomando e colegas (2011) e Anna Paula Uziel e colegas (2007). Estes últimos, a propósito, reuniram em uma coletânea diversos artigos sobre afetividades e parentalidades LGBT.*

Dentre as inúmeras formas de relações que podem ser estabelecidas entre os sujeitos, há aquela na qual duas pessoas, advindas de famílias distintas, com suas características e histórias de vida únicas, compartilham experiências e convivem com um desejo conjunto, um projeto de vida de casal: a conjugalidade (Féres-Carneiro, 1998; Oliveira, 2012). Discorrer acerca de relações conjugais implica na análise de uma perspectiva histórica de como os relacionamentos têm sido edificados ao longo do tempo. Antigamente, os casamentos eram arranjados segundo interesses políticos, econômicos e sociais, independentemente, dessa forma, da vontade dos cônjuges envolvidos (Pereira, 2012). Já no final do século XVIII, o Romantismo, movimento artístico, político, cultural e filosófico que aflorou na Europa, gerou mudanças de valores e ideais e fez surgir um modelo que ainda hoje é referência nas práticas amorosas. “Seus aspectos mais evidentes eram o sentimentalismo e a valorização da singularidade, a qual deveria se manifestar através do uso da sensibilidade e da capacidade imaginativa” (Amorim & Stengel, 2014, p. 181). A partir dele, aspectos como a privacidade, a intimidade e a con-

cessão de certa margem de escolha pessoal passaram a interferir diretamente na formação de casais, abrindo espaço para um conceito de amor que é idealizado – ora prazeroso, ora causador de angústia – e concebido como algo espontâneo, natural e universal: o amor romântico (Amorim & Stengel, 2014).

A partir da década de 60 do século XX, muitas transformações culturais, socioeconômicas e científicas contribuíram para uma mudança de paradigmas, o que propiciou um ganho de visibilidade a configurações familiares como os casais homossexuais. Érico Vieira e Márcia Stengel (2010) discutem que, como consequência dessas mudanças, dois ideais amorosos díspares se sobressaem na atualidade: o amor romântico e o “amor líquido”.** Para os autores, esta concepção se refere a uma busca incessante dos prazeres dos relacionamentos a despeito de um enfrentamento dos momentos difíceis. É, na prática, “a transposição da lógica das relações de consumo para as relações amorosas” (Vieira & Stengel, 2010, p. 151), nas quais os outros são tratados como objetos e descartados quando não se há mais ganhos. Diante disso, os indivíduos, independentemente de suas orientações sexuais, veem-se em um complexo conflito no qual idealismo e individualismo se chocam – isto é, se por um lado há o desejo de ter segurança e estabilidade, concretizados na figura de um relacionamento, no outro existe ânsia por liberdade, segundo a qual as possibilidades de enraizamento são encaradas como opressoras (Vieira & Stengel, 2010).

Mesmo com a presença de uma literatura sobre conjugalidade que contempla orientações além da heterossexualidade, dogmas e preconceitos – subsidiados na contextualização

* Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

** Termo cunhado por Zygmunt Bauman, 2004.

sócio-histórica descrita no início deste trabalho – ainda justificam atitudes de repulsa frente a homossexualidade, como o heterossexismo* e a homofobia. As estatísticas sobre violência contra LGBTs são alarmantes, conforme demonstra o *Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil*: durante o ano de 2012, a violência motivada por homofobia fez 13,29 vítimas por dia (Brasil, 2012). Não obstante, o cenário político brasileiro tem assistido a um aumento progressivo da bancada de religiosos fundamentalistas, cujas prioridades incluem barrar reivindicações do movimento LGBT, tal como a criminalização da homofobia. Em 2006, eram 32 o número de deputados evangélicos no Congresso; já em 2014 foram eleitos 75, de um total de 438 congressistas (Gonzatto, 2015). Essas preocupantes conjunturas reforçam a necessidade de se realizarem estudos abordando a *homoconjugalidade*** a partir de critérios científicos que estejam além de preconceitos socialmente estabelecidos.

Outro aspecto concernente à importância da produção científica sobre relacionamentos homossexuais refere-se aos novos arranjos familiares. Historicamente, a Psicologia e a Terapia Familiar centraram seus esforços na compreensão das famílias nucleares fundamentadas na união heterossexual, na procriação e em definições normativas de relações de gênero; assim sendo, torna-se de grande relevância estudar conjugalidades que fogem à heteronorma***, não apenas porque elas têm sido mencionadas em diferentes meios, mas principalmente porque refletem a diversidade dos modos de conjugação entre seres humanos.

Partindo desta breve contextualização, o presente artigo objetiva revisar sistematicamente estudos que analisaram relações conjugais entre casais

homossexuais no contexto brasileiro, com o intuito de entender como essas relações são retratadas e de oferecer um panorama nacional das pesquisas que abordam tal temática.

MÉTODO

Tendo como referência o método *Cochrane* (*Cochrane Haematological Malignancies Group*, 2007), três bases de dados, voltadas principalmente para contexto latinoamericano, foram acessadas na busca de artigos: Lilacs, PePSIC e SciELO. Para isso, as palavras-chave “conjugalidade and homossexualidade”, “conjugalidade and sexualidade”, “relação and gay”, “relação and homossexual”, “relacionamento and gay”, “relacionamento and homossexual”, “relacionamentos and gays”, “relacionamentos and homossexuais”, “relações and gays” e “relações and homossexuais” foram empregadas durante a pesquisa, privilegiando, desse modo, um grande número de combinações entre os termos relacionados às temáticas alvo da revisão.

Diante de um total de 242 resultados encontrados, constatou-se que 68 destes se repetiam entre as bases de dados, totalizando 174 artigos candidatos à análise. Depois de realizada leitura dos resumos e aplicados os critérios de exclusão na amostra – descritos na seção seguinte –, encontrou-se um total de sete artigos a serem sistematicamente revisados. Adicionalmente, foi realizada uma busca por intermédio das referências dos estudos selecionados, a qual resultou em um artigo. Contudo, este artigo foi excluído por não estar indexado nas bases pesquisadas, mantendo-se o $n = 7$. A Figura 1 ilustra como o processo de seleção descrito se deu durante a busca.

* “Processo pelo qual pessoas não-heterossexuais são categorizadas e discriminadas em função de sua orientação sexual” (Giddens, 2005, p. 122).

** Termo utilizado por Amorim e Stengel, 2014.

*** Este substantivo se refere ao conceito de heteronormatividade, isto é, “um enquadramento de todas as relações – mesmo as supostamente inaceitáveis entre pessoas do mesmo sexo – em um binarismo de gênero que organiza suas práticas, atos e desejos a partir do modelo do casal heterossexual reprodutivo” (Pino, 2007, p. 160).

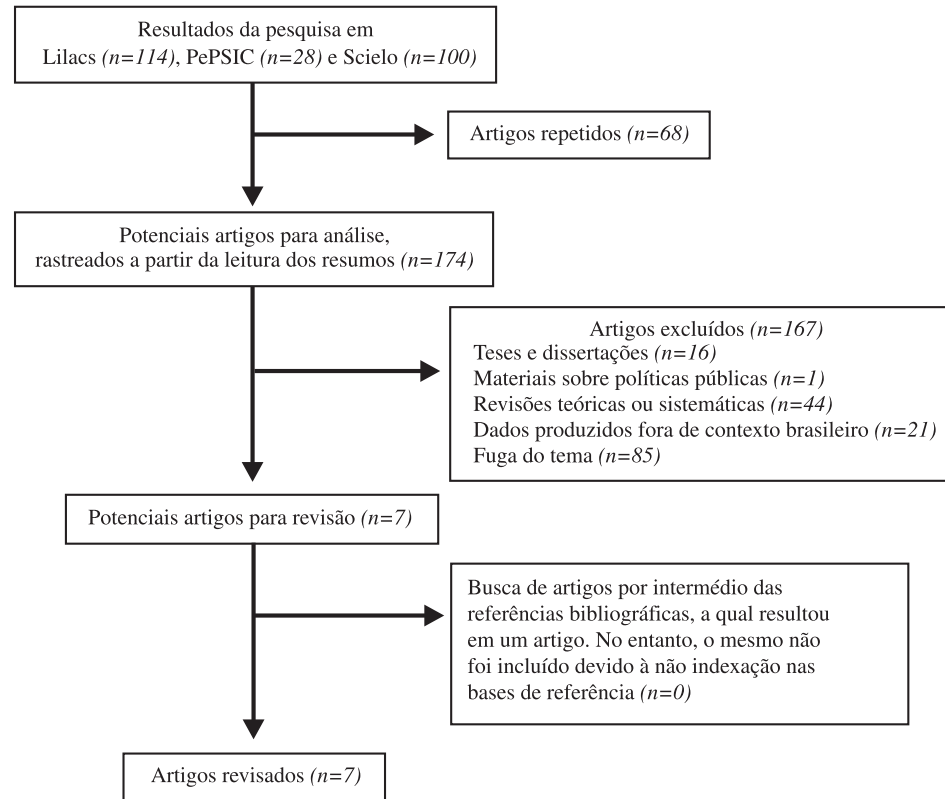


Figura 1 – Fluxograma do método empregado na revisão

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

O presente trabalho se baseou nos seguintes critérios de inclusão para a busca dos artigos: (1) artigos redigidos em português ou inglês e (2) publicados nos últimos quinze anos. Por outro lado, como critérios de exclusão da amostra, têm-se: (1) teses e dissertações; (2) materiais sobre políticas públicas; (3) revisões teóricas ou sistemáticas; (4) dados produzidos fora da realidade brasileira; e (5) fuga de tema – ou seja, o artigo não realiza intersecção entre as temáticas homossexualidade e conjugalidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de facilitar a visualização dos dados, elaborou-se uma tabela

que apresenta os achados desta revisão (Tabela 1). Mediante leitura dos sete artigos localizados, catalogaram-se nomes de autores, ano de publicação, objetivos de pesquisa, delineamento de estudo, participantes, instrumentos utilizados e principais resultados de cada trabalho.

Primeiramente, é possível verificar, com base nos objetivos apresentados e na predominância do delineamento descritivo, que a realidade das conjugalidades homossexuais no Brasil está sendo recentemente vislumbrada pelo meio científico, tendo em vista também que, apesar dos critérios de inclusão abrangerem estudos produzidos a partir do ano de 2000, foram encontradas apenas pesquisas realizadas nos últimos nove anos. De uma forma geral, os estudos se propõem a compreender aspectos gerais e específicos dessa forma de relação. Contudo, para

um entendimento dessa dimensão, os estudos de Mossman, Lomando e Wagner (2007), Vieira e Stengel (2010) e Amorim e Stengel (2014) incluem comparações entre hetero e homossexuais, isto é, visam compreender o que

é diferente a partir daquilo que já é amplamente estudado (a conjugalidade heterossexual).

Os instrumentos escolhidos também corroboram esse achado acerca do propósito geral das investigações.

Tabela 1 – Descrição dos estudos encontrados (continua)

<i>Estudo</i>	<i>Ano</i>	<i>Objetivos</i>	<i>Delineamento</i>	<i>Participantes</i>	<i>Instrumentos</i>	<i>Principais resultados</i>
1 Eduardo Lomando, Adriana Wagner e Jaqueline Gonçalves	2011	Investigar a correlação entre a coesão/ adaptabilidade conjugal e a percepção de apoio social da família, dos amigos e das relações de trabalho/escola de gays e lésbicas	Descritivo (Quantitativo)	111 participantes, residentes na capital e na grande Porto Alegre (RS): 77 homens e 34 mulheres, de nível socioeconômico médio-alto, todos em uma relação com alguém do mesmo sexo havia pelo menos seis meses.	Questionário autoaplicável dividido em três partes: – Dados sociobiodemográficos – Instrumento percepção do apoio social – inventário de funções PAS-IF – Escala de avaliação da coesão e adaptabilidade conjugal – Faces III	– Correlação positiva entre coesão/ adaptabilidade (CA) e apoio social da família (rs = 0,347), assim como entre coesão/ adaptabilidade e apoio social dos amigos (rs = 0,33)
2 Ana Flávia Madureira e Angela Maria Branco	2010	Analisar a construção das identidades não-hegemônicas em adultos jovens, com base na perspectiva sociocultural construtivista	Descritivo (Qualitativo)	Seis homens e quatro mulheres de classe média do Distrito Federal que apresentam uma orientação sexual distinta da heterossexualidade	Entrevista semiestruturada com cada participante	– Receio em explicitar a orientação sexual em contextos específicos – Dissociação entre orientação sexual e outras dimensões importantes da vida, como se a orientação fosse circunscrita a contextos de intimidade – Divergência entre homens e mulheres no que diz respeito à forma como suas relações afetivo-sexuais são percebidas. Enquanto para as mulheres, essas relações são percebidas a partir do vínculo afetivo e/ou a identificação intragênero, para os homens, há uma expectativa de atitudes associadas à virilidade e a capacidade de dissociação entre sexualidade e afetividade
3 Alexandre Meletti e Fabio Scorscolini-Comin	2015	Compreender os processos de construção da conjugalidade e as expectativas em relação à parentalidade em casais homossexuais	Descritivo (Qualitativo)	Quatro casais de homossexuais – dois de homens e dois de mulheres –, engajados em relacionamentos estáveis havia, no mínimo, dois anos, em coabitação, e pertencentes a rede de contatos dos pesquisadores na região do Triângulo Mineiro (MG)	Realização de encontro áudio gravado, no qual os seguintes instrumentos foram aplicados: – Entrevista semiestruturada acerca de experiências amorosas, homossexualidade, expectativas de exercício da parentalidade, experiência da união estável e perspectivas futuras em termos da união – Técnica da história de vida	– Os casais entrevistados fundamentam e qualificam seus relacionamentos baseados nos sentimentos de amor, companheirismo, parceria, lealdade e fidelidade – Nas falas dos homens, o relacionamento de casal pareceu ser sustentado, entre outros, na interdição da traição e na necessidade de que os companheiros estejam juntos e “fechados” às demais pessoas. A traição é separada em física e emocional, mas ambas seriam igualmente nocivas – Em termos de divisão de papéis e responsabilidades no cotidiano conjugal, nota-se que essa distribuição ocorre pautada não em posicionamentos historicamente associados ao binarismo de gênero, mas a partir dos interesses e das habilidades de cada parceiro
4 Clarisse Mossman, Eduardo Lomando e Adriana Wagner	2007	Comparar as dimensões de coesão e adaptabilidade conjugal em um grupo de heterossexuais com outro de homossexuais	Descritivo e comparativo (Quantitativo)	Duzentos e noventa e oito sujeitos heterossexuais, 77 gays e 34 lésbicas de nível socioeconômico médio, que estavam em um relacionamento amoroso há mais de 06 meses e que residem no estado do Rio Grande do Sul (RS)	Instrumento composto por: – Parte sociobiodemográfica – Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Conjugal (FACES III)	– Na coesão, os homossexuais apresentaram médias significativamente maiores (x = 229,79) que os heterossexuais (x = 177,20) – Na adaptabilidade, os homossexuais também apresentaram maiores escores (x = 248,30) do que os heterossexuais (x = 172,42) – Quando comparadas a mulheres heterossexuais, as lésbicas ficaram com escores significativamente maiores nas dimensões de coesão (x = 110,76 e x = 87,72, respectivamente) e adaptabilidade (x = 141,34 e x = 99,11) – Na comparação entre homens homossexuais e heterossexuais, os primeiros apresentaram escores significativamente superiores nas variáveis coesão (x = 135,26, x = 102,26) e adaptabilidade (x = 141,34, x = 99,11)

Tabela 1 – Descrição dos estudos encontrados (continuação)

<i>Estudo</i>	<i>Ano</i>	<i>Objetivos</i>	<i>Delineamento</i>	<i>Participantes</i>	<i>Instrumentos</i>	<i>Principais resultados</i>	
5	Geraldo Salomé, Vitória Espósito e Ana Lúcia Moraes	2007	Compreender a estrutura e dinâmica da família de casais constituída por pessoas do mesmo sexo	Descritivo (Qualitativo)	Dois casais gays, dos sexos masculino e feminino, que moram na cidade de São Paulo (SP), com no mínimo 12 meses de convivência conjugal	Entrevistas gravadas com perguntas abertas, tendo como questão norteadora “como você vivencia sua família hoje?”	<ul style="list-style-type: none"> – Existem momentos em que o casal está em crise, podendo ela se tornar uma dificuldade na comunicação. Todavia, se entre o casal existe sinceridade e honestidade, a crise se resolve com diálogo, possibilitando, dessa forma, a construção de uma vida em conjunto – O importante num relacionamento é considerar o outro, dividir problemas e compartilhar alegrias
6	Érico Vieira e Márcia Stengel	2010	Estudar como características macrosociais associadas ao individualismo influenciam na construção dos espaços de conjugalidade	Descritivo (Qualitativo)	Três casais que coabitam, sendo dois casais heterossexuais e um casal homossexual masculino, pertencentes às camadas sociais médias de Belo Horizonte (MG)	Utilizado o método da história oral temática, com a realização de entrevistas semiestruturadas	<ul style="list-style-type: none"> – Os entrevistados esperam obter segurança do relacionamento e desejam que o vínculo amoroso seja duradouro desde que proporcione satisfações suficientes para justificar a sua continuidade – O casal de homens aponta a possibilidade de separação com menor frequência do que os casais heterossexuais. Apesar da existência de uma representação de que os relacionamentos homossexuais seriam muito efêmeros, essa fluidez esteve mais presente entre os casais heterossexuais entrevistados. – Independentemente da orientação sexual dos participantes, verificou-se a existência de um acordo tácito no qual um dos membros da diáde realiza mais concessões relativas à perda de espaço individual, gerando descontentamento nos membros que costumam ceder e comodismo naqueles que se colocam na outra posição
7	Ana de Amorim e Márcia Stengel	2014	Discutir em que medida um casal homossexual feminino e um casal heterossexual estariam repetindo valores mais próximos do modelo conjugal moderno e do ideário romântico, e/ou reinventando formas	Descritivo (Qualitativo)	Um casal homossexual feminino e um casal heterossexual das camadas sociais médias de Belo Horizonte (MG)	Entrevista semiestruturada abrangendo: <ul style="list-style-type: none"> – Expectativas sobre uma relação amorosa; – Vivência da intimidade e da sexualidade; – Significados da relação e do parceiro, acordos e trocas no cotidiano e administração de conflitos 	<ul style="list-style-type: none"> – No caso do casal homossexual feminino, tem-se uma relação na qual o prazer em estarem juntas ganha destaque e o desejo pelo outro serve para impulsionar aquilo que desejam construir – Encontrou-se que a relação em si mesma é o motivo da união, e não uma promessa de um compromisso permanente. Aqui, convivem o investimento e a intimidade entre as parceiras, de um lado, e a ausência da ideia de continuidade da relação em longo prazo, de outro – Os projetos pessoais de cada uma, com os quais se identificaram mutuamente no início da relação e que se tornaram planos em comum, são relatados como objetivos de curto e médio prazo – Para ambas as mulheres, a relação ocupa uma dimensão significativa em suas vidas, o que denota uma ideia de proximidade que vai sendo construída ao longo do relacionamento

Percebe-se que os estudos qualitativos (Madureira & Branco, 2010; Meletti & Scorscolini-Comin, 2015; Salomé, Espósito & Moraes, 2007; Vieira & Stengel, 2010; e Amorim & Stengel, 2014) fazem uso de entrevistas abertas ou semiestruturadas, comumente utilizadas para compreender práticas, valores e crenças de contextos sociais especí-

ficos, permitir um aprofundamento no modo como os sujeitos percebem e significam suas realidades e reunir informações acerca da maneira como as relações se estabelecem, resultando em um material empírico denso e rico (Duarte, 2004). Além disso, nos estudos 3 e 6, nota-se o emprego de instrumentos para conhecer a trajetória de

vida dos participantes – a técnica da história oral de vida e da história oral temática –, evidenciando, novamente, a necessidade de conhecer e aprofundar a temática.

É possível averiguar que, em quatro dos sete estudos (Lomando, Wagner & Gonçalves, 2011; Meletti & Scorscolini-Comin, 2015; Mossmann, Lomando & Wagner, 2007; Salomé, Espósito & Moraes, 2007), os autores determinam um tempo mínimo de relacionamento, o que aponta para o conceito de conjugalidade como uma relação afetiva construída através do tempo (Oliveira, 2012). Ainda no que diz respeito aos participantes, constata-se que três artigos (Lomando, Wagner & Gonçalves, 2011; Madureira & Branco, 2010; Mossmann, Lomando & Wagner, 2007) optam por fazer a pesquisa com indivíduos, enquanto os demais (Meletti & Scorscolini-Comin, 2015; Salomé, Espósito & Moraes, 2007; Vieira & Stengel, 2010; Amorim & Stengel, 2014) focam em casais, independentemente de terem sido aplicados instrumentos tanto com o par como de forma individual. Consequentemente, este aspecto oferece aos achados dois ângulos distintos do mesmo fenômeno.

Surpreende o fato de que em dois estudos (Meletti & Scorscolini-Comin, 2015; Salomé, Espósito & Moraes, 2007) não é mencionada a camada socioeconômica a qual os participantes pertencem (em Meletti & Scorscolini-Comin, 2015, são citadas as profissões dos indivíduos, porém, essa informação não é suficiente para inferir o nível socioeconômico da amostra). Nas demais pesquisas (Lomando, Wagner & Gonçalves, 2011; Madureira & Branco, 2010; Mossmann, Lomando & Wagner, 2007; Vieira & Stengel, 2010; Amorim & Stengel, 2014), tal informação é identificada (níveis variando

entre médio e médio-alto), indicando a influência de uma variável que tem impacto na realidade brasileira, visto a desigualdade social que assola a população.

Não obstante, é possível deduzir, a partir dos estados brasileiros nos quais as pesquisas foram feitas (Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo, além do Distrito Federal), que há um atravessamento de questões de ordem cultural e regional nos resultados desta revisão, o que pode ser explicado pela concentração de produção acadêmica na região Centro-Sul do Brasil. Estes achados fundamentam uma indagação: talvez os dados aqui representados não reflitam as realidades das regiões Norte e Nordeste do país, tampouco das populações economicamente menos favorecidas, abrindo uma lacuna para a realização de pesquisas que retratem esses contextos.

No que tange aos sexos dos indivíduos, observa-se que nas pesquisas de Lomando, Wagner e Gonçalves (2011), Madureira e Branco (2010) e Mossmann, Lomando e Wagner (2007), há uma superioridade percentualmente relevante da quantidade de homens perante o número de mulheres, dado esse que se opõe à realidade brasileira – segundo as estatísticas, a maioria da população (51%) é formada por indivíduos do sexo feminino (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010). Se, por um lado, isso pode decorrer da disponibilidade de pesquisadores e participantes; por outro, pode sugerir uma valorização da perspectiva dos homens em relação ao tema conjugalidade e homossexualidade. Além disso, observa-se também que, nos estudos dos quais participam tanto sujeitos hetero, como homossexuais (Mossmann, Lomando & Wagner, 2007; Vieira & Stengel, 2010; Amorim & Stengel, 2014), há em dois de-

les uma predominância numérica de heterossexuais, o que pode assinalar, novamente, questões relacionadas ao acesso aos sujeitos, assim como pode indicar a reprodução, na prática, de uma primazia que sustenta preconceitos contra demais orientações sexuais.

Preconceito, a propósito, é um tema que perpassa os resultados da pesquisa de Madureira e Branco (2010), a qual evidencia uma preocupação, entre os participantes, relacionada à explicitação ou não da orientação sexual em diferentes contextos, tais como trabalho e família. Giddens (2005) aborda dois construtos diretamente associados a essa questão: (a) heterossexismo, termo já referido na introdução do presente artigo, segundo o qual pessoas não heterossexuais são categorizadas e sofrem preconceito e discriminação em decorrência de sua orientação, e (b) homofobia, conceituada como um desdém direcionado à parcela gay da população. Uma forma de homofobia internalizada, voltada para si mesmo, pode ser observada quando uma das participantes do estudo de Madureira e Branco (2010) adota a estratégia de ocultar suas experiências homoeróticas com o intuito de atender à heteronorma vigente. Não obstante, no artigo de Lomando, Wagner e Gonçalves (2011), a homofobia e a discriminação são dadas como possíveis motivações para uma restrição das funções de apoio social em contextos de trabalho/escola, tais como apoio emocional, companhia social e aceitação da orientação afetivo sexual.

No estudo que se propôs a comparar homo e heterossexuais (Mossmann, Lomando & Wagner, 2007), constata-se que os homossexuais obtiveram melhores níveis de coesão e adaptabilidade conjugal. Já a pesquisa de Vieira e Stengel (2010) encontrou que, apesar da existência de uma concepção se-

gundo a qual as relações gays são efêmeras, a possibilidade de separação é apontada com menor frequência pelo casal de homens entrevistados do que pelos heterossexuais. A efemeridade dos relacionamentos esteve, na verdade, mais presente no discurso dos casais heterossexuais, desconstruindo, dessa forma, ideias popularmente disseminadas acerca da suposta promiscuidade e depravação sexual dos gays (Toledo & Pinafi, 2012) e legitimando a aptidão dos pares homossexuais para estabelecer vínculos afetivos estáveis.

No âmbito da questão de gênero, uma comparação de outra natureza também pode ser observada: na pesquisa de Madureira e Branco (2010), encontrou-se divergência entre homens e mulheres relacionada a maneira como suas relações afetivo-sexuais são apreendidas. Enquanto para elas, os relacionamentos são percebidos a partir do vínculo afetivo e/ou a identificação intragênero, no caso deles, há uma expectativa de atitudes associadas à virilidade e a capacidade de dissociação entre sexualidade e afetividade. Este achado reforça a existência de construções de gênero que ditam quais comportamentos são ou não desejáveis.

Ainda em termos de comparações, o estudo de Meletti e Scorscolini-Comin (2015) verificou que, a despeito de uma estereotipia no que concerne aos papéis conjugais que os casais desempenham, percebe-se que não há uma divisão de papéis e responsabilidades embasada em posicionamentos historicamente construídos segundo o binarismo de gênero, mas sim a partir de interesses e habilidades de cada membro da díade. Segundo os autores, este resultado reflete uma flexibilização das atribuições de gênero comumente associados a homens e mulheres em situação homoconjugal, a qual tem sido

recentemente observada, também, na conjugalidade heterossexual.

Apesar desses constantes paralelos estabelecidos entre grupos supostamente distintos, o que se identifica nos resultados de todos os estudos são questões associadas aos relacionamentos humanos, os quais são atravessados por emoções e conflitos. O artigo de Meletti e Scorsolini-Comin (2015) evidencia esse achado ao apurar que os casais fundamentam suas relações nos sentimentos de amor, companheirismo, parceria, lealdade e fidelidade – característica essa que vai ao encontro do discurso de amor romântico referenciado por Vieira e Stengel (2010) e Amorim e Stengel (2014), o qual ressalta uma dimensão mais subjetiva dos relacionamentos e valoriza a expressão de sentimentos. Outro importante resultado, encontrado no estudo de Lomando, Wagner e Gonçalves (2011), refere-se a fatores externos que causam impacto na relação: encontrou-se correlação positiva entre coesão/adaptabilidade conjugal (CA) e apoio social da família e de amigos, o que indica que o amparo e aceitação oferecidos pela rede social contribuem para melhores índices associados à qualidade conjugal.

Os sentimentos humanos também são enfatizados nos resultados dos artigos de Salomé, Espósito e Moraes (2007) e Amorim e Stengel (2014). Enquanto no primeiro, os participantes ressaltam a importância de se considerar o outro na relação e compartilhar tanto sentimentos, como situações problemáticas do dia a dia, no segundo, o casal de lésbicas entrevistado destaca o prazer de estarem juntas e afirma que o desejo pelo outro motiva a construção de seus projetos de vida. Além disso, constata-se que, para ambas as mulheres da última pesquisa, a relação ocupa uma dimensão significativa em

suas vidas, o que denota uma ideia de proximidade que vai sendo construída ao longo do relacionamento.

Dificuldades características dos relacionamentos também foram encontradas nos achados dos artigos revisados: (1) para os participantes do estudo de Salomé, Espósito e Moraes (2007), existem momentos em que o casal está em crise, podendo ela se tornar uma dificuldade na comunicação. Contudo, avaliou-se que, se entre eles existe sinceridade e honestidade, a crise é resolvida através do diálogo, possibilitando, dessa forma, a construção de uma vida em conjunto; (2) já no artigo de Meletti e Scorsolini-Comin (2015), as relações entre os homens entrevistados pareceram estar pautadas, entre outros, em uma interdição da traição, havendo a necessidade de que os companheiros fiquem juntos e fechados a qualquer modalidade de relacionamento extraconjugal. Em suas falas, a traição é separada em física e emocional, mas ambas seriam igualmente nocivas para o relacionamento; (3) e, por fim, no caso da pesquisa de Vieira e Stengel (2010), averiguou-se a existência de um acordo tácito no qual um dos membros do casal realiza mais concessões relacionadas a perda de espaço individual do que o outro, suscitando sensação de descontentamento naquele que concede e comodismo no sujeito que se coloca na outra posição. Estes achados corroboram a ideia de que, independentemente do nível de qualidade conjugal, qualquer relação amorosa está propensa ao surgimento de divergências.

De uma forma geral, o que se percebe a partir dos resultados até então expostos é que os ideais de casal dos homossexuais são semelhantes a ideais tradicionais associados à conjugalidade heterossexual, como, por exemplo, o embasamento das relações em cons-

trutos como fidelidade, companheirismo, parceria, segurança e lealdade, aspectos que vão ao encontro do estudo de Norgren et al. (2004). Ademais, evidencia o idealismo romântico das relações amorosas, no qual prevalece o sentimentalismo, a fidelidade, a busca por segurança (Amorim & Stengel, 2014). Nas investigações que foram conduzidas com os sujeitos isolados (Lomando, Wagner & Gonçalves, 2011; Madureira & Branco, 2010; Mossmann, Lomando & Wagner, 2007), observa-se também uma tendência ao conservadorismo, tendo em vista a perspectiva de gênero (Colling, 2004) segundo a qual os homens prezam a virilidade, enquanto as mulheres valorizam um ideal de relacionamento romantizado.

Enfim, os estudos de Vieira e Stengel (2010) e Amorim e Stengel (2014) direcionam suas pesquisas para um aspecto que Bauman discute em sua produção: a “liquidez” dos relacionamentos amorosos contemporâneos (Bauman, 2004). Segundo o autor, vivemos em um mundo tomado pela rapidez e a imprevisibilidade, o que provoca uma flexibilização da capacidade humana de amar, gera níveis de insegurança cada vez maiores e nos leva a priorizar relacionamentos em rede, os quais podem ser tecidos e desfeitos com a mesma facilidade. Essa “fluidez” das relações pode ser constatada através de: (a) a expectativa dos entrevistados da pesquisa de Vieira e Stengel (2010) de obter segurança do relacionamento; (b) o desejo desses participantes de que o vínculo amoroso seja duradouro, enquanto este proporcionar satisfações suficientes para justificar a sua continuidade (Vieira & Stengel, 2010); e (c) quando se encontra, no estudo de Amorim e Stengel (2014), a motivação para a junção do casal de mulheres lésbicas – a própria

relação em si, e não uma promessa de compromisso permanente –, o que implica na convivência entre o investimento na relação e a intimidade, de um lado, e a ausência da ideia de continuidade da relação em longo prazo, de outro. Do mesmo modo, percebe-se ainda que os projetos pessoais de cada uma dessas mulheres, com os quais elas se identificaram mutuamente no início da relação, são relatados como objetivos de curto e médio prazos, aspecto este que vai ao encontro da efemeridade que caracteriza o amor dito líquido.

Em diversas ocasiões, a conjugalidade homossexual não alcança representatividade social e política suficientes para ser desmistificada – vide caso do Congresso Nacional, citado na primeira seção deste artigo –, o que a torna, para muitos, uma realidade distante de suas vivências. Sendo assim, quando a temática é abordada, abre-se margem para a emergência de reflexões, desconstrução de preconceitos e sensibilização da população para com a realidade do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o conteúdo aqui exposto, é possível concluir que as pesquisas realizadas em contexto brasileiro sobre homoconjugalidade ainda visam conhecer e descrever atitudes, convicções e princípios de seus participantes, fazendo uso de estratégias como comparação entre grupos e correlação de variáveis para compreender aspectos das relações que ainda não foram satisfatoriamente elucidados na literatura científica. Ademais, atenta-se também para o modo como o preconceito, nas suas formas manifesta e velada, ainda impacta nas subjetividades e aflige o bem-estar dos indivíduos, afetando a autonomia

das pessoas e culminando em violência e sofrimento intrapsíquico.

A revisão evidenciou ainda que “homens”, “mulheres”, “gays” e “lésbicas” não são grupos coesos, apresentando peculiaridades nos seus modos de pensar e agir. Apesar de serem realizadas distinções intergrupais, demonstrou-se que um elo fundamental une as experiências dos sujeitos independentemente de suas orientações sexuais: as emoções humanas. Não obstante, observou-se nos resultados a presença concomitante da efemeridade e da perenidade do afeto, vinculada ao modelo tradicional de relação, entrelaçamento esse que caracteriza a pós-modernidade e que se verifica não apenas entre os heterossexuais, mas também entre os homossexuais.

A compreensão e a reflexão das diversas formas de conjugalidades para além do modelo tradicional heteronormativo podem ser de grande relevância nas ações interventivas em Psicologia. Dentre os inúmeros espaços possíveis provocadores de mudanças, a psicoterapia mostra-se com grande potencial. Refletir criticamente acerca dos estereótipos que aprisionam as pessoas deve ser um dos objetivos primordiais das psicoterapias. É nos contextos conversacionais que construímos a realidade, é por intermédio das relações e dos discursos que damos sentido aos eventos cotidianos (Gergen, 1997; White & Epston, 1990). Assim sendo, compreende-se a psicoterapia como um espaço promotor de conversas que fomentem novos sentidos, novas realidades.

Ademais, o emprego de diferentes termos para se referir ao fenômeno aqui estudado – tais como homossexualidade, homoerotismo e homoconjugalidade – é, também, uma prática que deve ser observada, pois ilustra a construção de uma *tipologia das se-*

xualidades que auxilia na investigação de particularidades de cada coletivo e, concomitantemente, contribui para a segregação de minorias sexuais, pois assinala diferenças entre elas e o restante da sociedade. Por fim, ao reconhecer a diversidade como qualidade elementar da expressão de vida humana, o presente texto encoraja o estudo de outros contextos sociais, como o Norte e o Nordeste do país, outras sexualidades e múltiplas possibilidades de vinculação entre indivíduos.

REFERÊNCIAS

- Amorim, A., & Stengel, M.** (2014). Relações customizadas e o ideário de amor na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia*, 19(3), 179-188.
- Bauman, Z.** (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (Tradução de Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Brasil** (2013). *Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012*, Brasília, DF, Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Recuperado em 12 outubro, 2015, de <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>
- Carneiro, A.** (2015). A morte da clínica: movimento homossexual e luta pela despatologização da homossexualidade no Brasil (1978-1990). *Anais do Simpósio Nacional de História*, Florianópolis, SC, Brasil, 28. Recuperado em 12 outubro, 2015, de http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439866235_ARQUIVO_Artigo-Amortedaclinica.pdf
- Ceccarelli, P. & Franco, S.** (2010). Homossexualidade: verdades e mitos. *Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 4(5), 119-129.

- Cochrane Haematological Malignancies Group** (2007). How to develop a search strategy for a Cochrane Review. Retrieved 12 October, 2015, from <http://chmg-old.cochrane.org/resources-review-authors>
- Colling, A.** (2004). A Construção Histórica do Feminino e do Masculino. In: M. Strey, S. T. L. Cabeda, D. R. Prehn (Eds), *Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas* (pp. 13-38). Porto Alegre: Edipucrs.
- Dias, M. B.** (2009). *Manual de Direito das Famílias*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.
- Duarte, R.** (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, 24, 213-225.
- Dunker, C. & Neto, F.** (2011). A crítica psicanalítica do DSM-IV – breve história do casamento psicopatológico entre psicanálise e psiquiatria. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 14(4), 611-626.
- Féres-Carneiro, T.** (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
- Ferreira, A. D. H.** (2004). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (3a ed.) Curitiba: Positivo Informática Ltda.
- Gergen, K. J.** (1997). *Realities and relationships*. Cambridge: Harvard University Press.
- Giddens, A.** (2005). Gênero e Sexualidade. In A. Giddens. *Sociologia* (pp. 102-127). Porto Alegre: Artmed.
- Goerch, A. & Pichinin, A.** (2015). Cidadania e política pública de inclusão social: os reflexos da ideologia cristã na questão dos homossexuais no ordenamento jurídico brasileiro. *Anais do Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea*, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 12. Recuperado em 12 outubro, 2015, de <http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/13157/2345>
- Green, J.** (2000). *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP.
- Gonzatto, M.** (2015, fevereiro). Banca evangélica ganha força inédita no Congresso. *Zero Hora*. Recuperado em 12 outubro, 2015, de <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/02/bancada-evangelica-ganha-forca-inedita-no-congresso-4704350.html>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** (2011). *Censo Demográfico 2010: Características da população e dos domicílios – Resultados do universo*. Rio de Janeiro. Recuperado em 13 outubro, 2015, de <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=793>
- Joyner, K., Manning, W. & Bogle, R.** (2015). Gender and the stability of same-sex and different-sex relationships [Working paper Series]. *Bowling Green State University Center for Family and Demographic Research*. Retrieved 12 October, 2015, from <http://www.bgsu.edu/arts-and-sciences/center-for-family-demographic-research/research-at-cfdr/working-papers-table.html>
- Julien, D. et al.** (2003). Conflict, social support, and relationship quality: an observational study of heterosexual, gay male, and lesbian couples' communication. *Journal of Family Psychology*, 17(3), 419-428.
- Lomando, E., Wagner, A. & Gonçalves, J.** (2011). Coesão, adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(3), 95-109.
- Madureira, A. F. & Branco, A. M.** (2007). Identidades Sexuais Não-hegemô-

- nicas: Processos Identitários e Estratégias para Lidar com o Preconceito. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(1), 81-90.
- Meletti, A. & Scorsolini-Comin, F.** (2015). Conjugalidade e expectativas em relação à parentalidade em casais homossexuais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 17(1), 37-49.
- Mohr, J. & Fassinger, R.** (2006). Sexual orientation identity and romantic relationship quality in same-sex couples. *Personality & Social Psychology Bulletin*, 32(4), 1085-1099.
- Moreira, N.** (2004). Conjugalidade Homossexual masculina – dinâmicas de relacionamento. *Anais do Congresso Português de Sociologia*, Coimbra, Portugal, 4. Recuperado em 12 outubro, 2015, de: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462e03459eb23_1.PDF
- Mossmann, C., Lomando, E. & Wagner, A.** (2010). Coesão e adaptabilidade conjugal em homens e mulheres hetero e homossexuais. *Barbarói*, 33.
- Naphy, W.** (2006). *Born to Be Gay: História da Homossexualidade* (Tradução de Jaime Araújo). Lisboa: Edições 70.
- Norgren, M. D. B., Souza, R., Kaslow, F., Hammerschmidt, H. & Sharlin, S.** (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584.
- Oliveira, D. de.** (2012). Conjugalidade e a União de Duas Histórias de Vida: Uma Discussão Ilustrada a Partir do Filme A História de Nós Dois. *Interação em Psicologia*, 16(1), 125-133.
- Pereira, M.** (2012). Resiliência e conjugalidade. Recuperado em 12 outubro, 2015, de http://sobrare.com.br/Uploads/20120930_artigo_resilincia_e_conjugalidade.pdf
- Pino, N.** (2007). A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu*, 28, 149-174.
- Salomé, G., Espósito, V. & Moraes, A. L.** (2007). O significado de família para casais homossexuais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(5), 559-563.
- Starks, T., Newcomb, M. & Mustanki, B.** (2015). A Longitudinal Study of Interpersonal Relationships Among Lesbian, Gay, and Bisexual Adolescents and Young Adults: Mediation Pathways from Attachment to Romantic Relationship Quality. *Archives of Sexual Behavior*, 44(7), 1821-1831.
- Toledo, L. & Pinafi, T.** (2012). A clínica psicológica e o público LGBT. *Psicologia Clínica*, 24(1), 137-163.
- Uziel, A. P., Mello, L. & Grossi, M.** (2007). *Conjugalidades e parentalidades de gays, lésbicas e transgêneros no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Vieira, É. & Stengel, M.** (2010). Os nós do individualismo e da conjugalidade na Pós-Modernidade. *Aletheia*, 32, 147-160.
- White, M., & Epston, D.** (1990). *Medios narrativos para fines terapéuticos*. Buenos Aires: Paidós.